edição especial | 2019

vozes populares da economia

diálogos sobre ações de inspiração alternativa

Realização

capina
COOPERAÇÃO E APOIO A PROJETOS DE INSPIRAÇÃO ALTERNATIVA

Apoios

FLD projetos de vida actaliança

CESE

Brot für die Welt

capina 30 anos

30 anos da Capina: um bom encontro!

Foto: Criar Brasil

Terezinha Pimenta,
Secretária-Executiva da Capina

Celebrar os 30 anos de existência da Capina neste momento histórico ganha um significado muito singular. Para esta comemoração, nada mais legítimo do que promover o encontro de pessoas que integram as iniciativas econômicas populares com as quais trabalhamos, as organizações parceiras sejam as universidades ou outras organizações da sociedade civil, amigos(as) e colaboradores(as), oportunizando um momento de acolhimento e, também, de desvelamento de experiências potentes que vão se forjando no subterrâneo de uma economia que insiste em mantê-las invisíveis. Esta é, para nós, uma das atribuições mais relevantes do nosso trabalho.

Ao longo desses 30 anos a Capina é reconhecida pela capacidade de convocação ao diálogo e pela promoção de "bons encontros". Em 6 de novembro de 2018 – data do evento de comemoração dos 30 anos – isso mais uma vez aconteceu: um Bom Encontro. Além disso, os 30 anos da Capina oportunizam a organização desta Revista, Vozes Populares da Economia: dialogando com ações de inspiração alternativa, que pretende fortalecer as vozes das inciativas econômicas populares mais diversas, demonstrando sua relevância para toda a sociedade.

Nesta edição, Ricardo Costa e Xico Lara nos contam o que motivou quatro amigos(as) a escrever uma carta à Novib falando das "intenções de fundar uma instituição para apoiar empreendimentos populares" e como a riqueza do processo os levou a constatar que "a metodologia da Capina tem um lugarzinho reservado no coração de muitas pessoas". Amigas e amigos com quem contamos nas parcerias, na diretoria da Capina e na equipe nos brindam com declarações carregadas de afeto e que demonstram as conquistas, os desafios e a aposta na resistência ao longo desses anos. Representantes de empreendimentos econômicos que a Capina assessorou puderam contar sobre os efeitos do trabalho em seus cotidianos dentro das iniciativas populares, nos enriquecendo com histórias que integram nosso trabalho.

Foto: Criar Brasil

Sócios da Capina em evento de comemoração dos 30 anos

Roda de conversa na comemoração dos 30 anos

E finalmente, através da "Roda de Conversa Vozes Populares da Economia" pudemos destinar um olhar especial para sete iniciativas populares coletivas que vêm, ao longo do tempo, demonstrando capacidade de sustentabilidade, ou seja, de manter-se em processo permanente de criação de estratégias de enfrentamento aos desafios.

Agradecemos a todos e todas que caminharam e celebraram conosco esses 30 anos! Somos muito gratos também a quem esteve invisível, a equipe mobilizada por Marcos Fonseca, o Markito, que criou uma instalação pedagógica com fotos e memórias conseguindo dar ao local do evento "a cara da Capina". E ao parceiro Criar Brasil que acompanhou a concepção até a realização do evento – realizando a comunicação.

Mais uma vez, agradecemos a Pão para o Mundo - PPM, a Coordenadoria Ecumênica de Serviço – Cese e a Fundação Luterana de Diaconia – FLD, por apoiar a realização desse "Bom Encontro".

Que venham outros!

Sumário

Capina: 30 anos de muitas histórias 05

A Capina na narrativa de amigos(as), colaboradores(as) e equipe: conquistas, desafios e resistência 08

Experiências e memórias: empreendimentos populares apoiados pela Capina em seus 30 anos 14

Brasil, chegou a vez de ouvir as vozes populares da economia 21

24 Flaskô

25 Raízes do Brasil

26 GIC Pavuna e Petrópolis

27 Diáspora.Black

28 Mulheres Filhas da Terra

29 Cooperativa Eita

30 Quitandoca

Capina: 30 anos de muitas histórias

por Ricardo Costa e Xico Lara

Xico Lara, sócio-fundador da Capina

A criação da Capina se deu num momento histórico muito particular, que foi o de reinauguração da Democracia em nosso país, no contexto das grandes mobilizações populares, durante a Assembleia Nacional Constituinte, que redigiu a Carta Cidadã de 1988.

Os anos 80 foram marcados por grande efervescência social, com a finalidade da derrubada da ditadura civil-militar vigente desde o golpe de 1964, como a renovação das lutas sindicais, por melhorias salariais e pelos direitos dos trabalhadores, nas cidades e nos campos; os movimentos contra a carestia; as ocupações de terras improdutivas por grupos de agricultores(as) Sem Terra; a organização de associações de moradores(as) nos bairros, buscando melhoria na qualidade de vida das pessoas nas periferias, por escolas, creches, saneamento básico, moradia, transportes etc.

Assim, tendo desenvolvido grande esforço de lutas no campo da política, era chegada a hora de se fazer avançar também no campo das iniciativas econômicas, de gestão e administração das associações e dos novos empreendimentos sociais surgidos dessas lutas.

Daí que se fazia necessário disponibilizar pessoas com acúmulo de experiência no campo da economia, gestão e administração para que se pudesse oferecer apoio às diversas iniciativas populares em fase de implantação.

Fotos: Criar Brasil

Ricardo Costa, sócio-fundador da Capina

Foi assim que, em janeiro de 1988, atravessou o Oceano Atlântico, em direção à Europa, uma carta na qual constavam as intenções de se fundar uma instituição para apoiar os empreendimentos populares em seus processos econômicos e administrativos, por meio de uma gestão democrática. Esta carta era endereçada à Novib, uma instituição oficial de cooperação internacional na Holanda (incorporada hoje à Oxfam) a qual, em outubro daquele mesmo ano, nos respondeu positivamente, na figura de um cheque de 35 mil dólares. A partir disso, iniciamos os processos para a formalização de uma instituição de Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa, a Capina.

A divulgação desta nova instituição foi feita através de cartas enviadas para todo o Brasil, apresentando as intenções do trabalho da Capina: oferecer assessoramento no campo da administração e gestão democrática das atividades econômicas populares. Como resultado, recebemos cerca de 30 respostas de empreendimentos que gostariam de contar com o apoio da Capina e todos eles foram visitados pessoalmente.

Uma dessas primeiras visitas, logo transformada em um dos primeiro trabalhos da Capina, foi a marcante viagem a Xapuri, no Acre, na mesma época em que o seringueiro e sindicalista Chico Mendes havia sido brutalmente assassinado.

Em Xapuri, os seringueiros, organizados numa cooperativa, praticavam a venda de castanhas-do-pará, também chamadas na região castanhas-do-brasil. Esta atividade envolvia uma usina de beneficiamento coletiva. As castanhas eram coletadas na mata e, então, trazidas em casca para serem tostadas, quebradas, classificadas e embaladas a vácuo. A cooperativa, porém, estava com dificuldades no controle das contas.

Foto: Acervo Capina

Oficina Práticas de Comercialização, visita ao Ceasa, em 2008

Entre transformações e promoções de uma série de ações e parcerias, podemos constatar que a metodologia da Capina conserva no coração de muitas pessoas que se envolveram com os trabalhos da instituição, nestes últimos 30 anos, um lugar muito especial.

E foi aí que a Capina entrou. Elaboramos conjuntamente um procedimento de controle das contas, por meio de planilhas eletrônicas, permitindo assim um monitoramento mensal dos custos e lucros.

Outro trabalho importante, dos realizados ainda no comecinho da Capina, foi o desenvolvido com as quebradeiras de coco babaçu, no interior do Maranhão. Diferente do Acre, essa ação não envolveu as contas diretamente, mas a organização social das mulheres, para a gestão coletiva e a garantia de eficiência no processo de produção em uma pequena fábrica de sabonetes, feitos a partir do óleo do coco babaçu.

Esses são alguns exemplos dos grupos apoiados pela Capina durante seus primeiros anos de ação. E para isso, pudemos contar, além da Novib, com a contribuição de Desenvolvimento e Paz, do Canadá, de Pão para o Mundo, da Alemanha e que nos apoia até hoje, de Christian Aid da Inglaterra, da Cese, no Brasil, entre outras.

Dentre as muitas alegrias da história da Capina está o estabelecimento de relações de confiança e de cuidado com os diferentes grupos sociais. Vale destacar, principalmente, a receptividade e confiança estabelecida em toda a sua história com os grupos e associações de produtores(as) da Agricultura Familiar e com os(as) trabalhadores(as) rurais Sem Terra, tendo podido acompanhar os muitos

Foto: Acervo Capina

Visita a empreendimento em Rio Real (BA), em 1997

Foto: Acervo Capina

Escola de Trabalhadores, São João de Mereti-RJ. Cadits, déc. de 1990

Foto: Acervo Capina

Curso Viabilidade Econômica e Gestão Democrática, turma de 2014

passos dados pela Agricultura Familiar no país, ao vivo e a cores, até chegar ao ponto de ser o segmento que garante a Segurança Alimentar dos(as) brasileiros(as).

Ao longo dos seus primeiros doze, treze anos, a Capina prestou serviços de assessoria e acompanhou mais de 120 grupos dentre associações e cooperativas das mais diversas atividades da Economia dos Setores Populares em todo o país, a exemplo da Cooperativa dos Seringueiros de Xapuri, no Acre, e das mulheres quebradeiras de coco babaçu, no Maranhão.

Como história boa é história que se transforma, a trajetória da Capina não podia ser diferente. Tanto assim que, com a entrada do novo Século, novas dinâmicas de trabalho foram sendo incorporadas e, aos poucos, ao invés de se prestarem assessorias a grupos individuais, o que encarecia muito o trabalho, passamos a desenvolver ações de intervenção indireta. Após muitas avaliações e discussões sobre o que vínhamos fazendo, acordamos que a intervenção, agora, se daria através de cursos coletivos. Os cursos, porém, não seriam realizados diretamente com as pessoas responsáveis pelos processos de produção e comercialização, como agricultores(as), quebradeiras de coco, etc., e sim com aquelas que, em cada região, estavam encarregadas de prestarem assessoria a estes grupos sociais, tais como agentes das pastorais, educadores(as), quadros técnicos e outros(as) profissionais.

Esse novo momento requeria, por sua vez, um processo metodológico cuidadoso, pois não se tratava de simples transmissão de conhecimentos, mas de um encontro entre diferentes saberes, no qual as práticas de gestão democrática fossem exercitadas, envolvendo inclusive críticas e sugestões às ações da própria Capina. Surge daí a formatação dos Cursos de Viabilidade Econômica e Gestão Democrática, oferecendo maior aprofundamento e ampliação do que antes era feito nos estudos da viabilidade econômica dos empreendimentos. Cursos práticos de iniciação à comercialização, que já vinham sendo realizados desde os anos 1990, passaram a contar como um módulo nesse novo formato de intervenção.

Entre transformações e promoções de uma série de ações e parcerias, podemos constatar que a metodologia da Capina conserva no coração de muitas pessoas que se envolveram com os trabalhos da instituição, nestes últimos 30 anos, um lugar muito especial.

Nossa proposta metodológica nunca esteve limitada a procedimentos matemáticos que ao final chegam a um resultado já predeterminado. Ao contrário, o assunto da viabilidade econômica vem posto no contexto dialógico que as próprias contas incitam. Por exemplo, pensar o processo produtivo de uma goiabada levanta questões sobre quantidade e preço das goiabas e do açúcar, as diversas receitas possíveis, os diferentes recipientes para armazenagem do produto final, a quantidade de pessoas e o trabalho desenvolvido. Para não se falar das relações entre os(as) produtores(as), desde a divisão dos trabalhos e responsabilidades, distribuição dos resultados, horários de trabalho etc. Tudo isso leva a um compartilhamento dos conhecimentos e, consequentemente, dos poderes, como também a discordâncias e diversidade de opiniões; dinâmicas, enfim, que são partes fundamentais do processo de produção e, portanto, do estudo da viabilidade econômica em uma gestão democrática.

Foto: Acervo Capina

Visita de campo na Comunidade do Sertão do Ubatumirim, em Ubatuba (SP), em 2010

Foto: Acervo Capina

Lançamento do livro "Economia dos Setores Populares: Entre a Realidade e a Utopia", em 2000

O aprendizado compartilhado, o encontro de tantas pessoas e de saberes diversos fazem com que o encontro que realizamos em comemoração aos 30 anos da Capina tenha sido acompanhado de um clima muito especial, de pura alegria, comemoração e bem viver. Sem esquecermos, porém, que novos desafios estão aí, postos à nossa frente.

A luta continua, sempre, ensejando que a colheita possa ser, mais uma vez, cheia de flores que nos deem muitos frutos. Sabemos muito bem que algumas flores podem ser destruídas, mas não se pode parar o advento da Primavera. Vida longa à Capina!

Capina na narrativa de amigos(as), colaboradores(as) e equipe: conquistas, desafios e resistência

Foto: Criar Brasil

Beatriz Costa,
Associada e Vice Presidenta da Capina

A história da Capina começa em 1989, ligada à história do Conselho das Escolas de Trabalhadores (CET). O CET era uma articulação de diversas iniciativas de educação de trabalhadores(as) para trabalhadores(as) e envolvia distintas regiões do país. Integrada à formação profissional, a programação de cada Escola incluía temas e práticas de educação geral e formação da cidadania. Encontravam-se anualmente, desde 1979, para trocar experiências, aprimorar seus métodos de trabalho, estabelecer em conjunto quais os novos desafios e metas a serem enfrentados. Em comum, tinham a perspectiva de fortalecer a participação dos(as) trabalhadores(as) na construção concreta de uma sociedade movida pela justiça social, solidariedade e igualdade social.

Na década de 1980, algumas dessas Escolas aproximaram-se mais de grupos de produção autônoma que queriam se fortalecer aumentando a produção e qualificando os seus conhecimentos e práticas de gestão. Era comum, entre os participantes desses grupos, comentários como: "produzir a gente sabe, fazer a gente sabe, mas fazer as contas não. As formas de orçamentos e os cálculos de custo não sabemos, precisamos de ajuda, não de pessoas que façam por nós, mas que nos ensinem a fazer para que possamos seguir nossas atividades". É nesse ponto que surge a Capina. Uma sementinha que está aí até hoje. Sua programação passou por diferentes etapas, dando diversos frutos em diversos lugares do país, no campo e na cidade.

A história da Capina começa em 1989, ligada à história do Conselho das Escolas de Trabalhadores (CET). O CET era uma articulação de diversas iniciativas de educação de trabalhadores(as) para trabalhadores(as) e envolvia distintas regiões do país. Integrada à formação profissional, a programação de cada Escola incluía temas e práticas de educação geral e formação da cidadania. Encontravam-se anualmente, desde 1979, para trocar experiências, aprimorar seus métodos de trabalho, estabelecer em conjunto quais os novos desafios e metas a serem enfrentados. Em comum, tinham a perspectiva de fortalecer a participação dos(as) trabalhadores(as) na construção concreta de uma sociedade movida pela justiça social, solidariedade e igualdade social.

O diferencial da Capina, o que também me atraiu para essa instituição, é a questão da gestão financeira, uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos movimentos sociais. Esses se organizam bem, constroem suas associações e estratégias de atuação, porém para o controle financeiro de seus empreendimentos enfrentam grandes desafios.

Aí entra a Capina que se propôs a trabalhar com a gestão financeira e sustentabilidade dos empreendimentos dos movimentos sociais. Isso foi fundamental, pois nenhuma outra organização deste campo como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) ou a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), por exemplo, desenvolviam esse tipo de atividade.

Apesar das comemorações, temos muitos desafios por vir, um que se destaca para a Capina é como mantê-la, pois a maior parte do recurso da instituição é oriundo da cooperação internacional, volume que decresceu bruscamente no Brasil nos últimos anos. As preocupações financeiras se intensificam ainda mais devido às condições atuais de governo, de um governo autoritário.

Por outro lado, assim como na história da Fênix, na qual das cinzas nascem as grandes experiências, os movimentos sociais mais uma vez conseguirão sobreviver, voltando a se organizar mais para dentro, nos olhando, conseguiremos resistir e superar!

Foto: Acervo pessoal

Generosa Silva,
Associada e Presidenta da Capina

Assim como na história da Fênix, na qual das cinzas nascem as grandes experiências, os movimentos sociais mais uma vez conseguirão sobreviver

O grande desafio da Capina e para nós do campo dos movimentos sociais e da sociedade civil organizada é continuar trabalhando com as pessoas mais empobrecidas nessa sociedade

Foto: Acervo pessoal

Sandra Quintela,
Associada e Diretora Tesoureira da Capina

A Capina em seus 30 anos fez um trabalho de fortalecimento das organizações da economia popular e solidária espalhadas pelo Brasil todo, trabalhando um Brasil profundo. O trabalho dessa instituição fortalece aquilo que muitas vezes é invisibilizado. Pode-se citar a produção das quebradeiras de coco babaçu e todos os seus produtos e derivados, assim como produtores(as) do Nordeste e Sudeste que precisam se apropriar também de um conhecimento técnico, sobretudo, sobre gestão, administração e transparência nas contas. A Capina está ocupada em pensar como fazer com que aquela iniciativa pequena, uma sementinha de uma economia que pode ser diferente, uma economia que possa estar centrada na vida e não no mercado capitalista, se fortaleça e possa garantir a sustentação material da vida de milhares de pessoas nesse país inteiro.

O grande desafio da Capina e para nós do campo dos movimentos sociais e da sociedade civil organizada é continuar trabalhando com as pessoas mais empobrecidas nessa sociedade, que precisam se fortalecer e encontrar caminhos para seguir sua vida e para a sustentação material da vida.

Além disso, para essas organizações o grande desafio que se coloca é sobreviver, nós que vivemos de recursos da cooperação internacional, que vivemos, algumas de nós, de recursos públicos a partir de editais, tememos o novo cenário que se apresenta no Brasil e que nos coloca um grande desafio – continuar existindo.

Foto: Acervo Capina

Aída Bezerra,
Amiga e colaboradora da Capina

Pude acompanhar a trajetória da Capina e a construção de todo seu acumulado, mesmo nos primeiros 15 anos, quando fazia parte da equipe do Sapé. Nesse período, a equipe da Capina conseguiu conhecer as dificuldades das iniciativas da economia dos setores populares espalhadas por todo o país realizando as assessorias nos temas da administração, das finanças e da comercialização. Eu, enquanto pesquisadora do campo da Educação Popular integrando a equipe do Nova e depois do Sapé, percebia que o trabalho de assessoria, estando tão distante dos empreendimentos, não seria capaz de promover as mudanças necessárias à sua sustentabilidade. Era primordial estar perto, convivendo no seu cotidiano para entender o que se apresentava como o real desafio. Ao mesmo tempo que a Capina caminhava com as assessorias, no Sapé pesquisávamos uma educação popular pautada nas demandas concretas dos sujeitos.

Avançamos um pouco mais quando pudemos realizar alguns seminários nos quais contamos com a participação de Roberto Machado, trazendo para nós alguns dos achados de Michael Foucault e da Análise Institucional. Toma corpo a aposta na insurgência, que enfrenta o instituído ou o que está em funcionamento, e traz a ideia do instituinte, aquele que rompe e agrega novas forças. Essa base filosófica e conceitual foi para nós o maior legado desse processo. Agregando ao nosso incômodo anterior, passamos a elaborar uma proposta de formação de educadores que, necessariamente, teria que colocar a questão do poder no centro dessa aposta. A partir do convite do CCFD, uma ONG francesa que já observava o trabalho do Sapé, do Cedac e do Pacs, nos encontramos eu, Ironi e Katia e demos início à experiência de formação do que chamamos "Formação para a Cidadania Ativa", reunindo lideranças comunitárias na região de Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro. As três organizações iniciaram o trabalho, que foi de fato outra pesquisa, durante mais de três anos de experimentação. Foi um longo processo de trabalho coletivo tendo como referência a imanência do poder nas relações. Desde a primeira reunião se instalaram as equipes de gestão de todo o processo formativo.

Esse acúmulo é que abriu campo para a nova experimentação que se iniciou na Capina e que originou a metodologia utilizada até hoje. Uma formação mais detida e intensa, propiciada pela imersão e pelo exercício do poder, através da distribuição entre todas e todos os participantes, inclusive educadores da Capina. Ainda hoje, é uma oportunidade de abrigar o que chega, para além do que está programado, e experimentar essa circulação do poder. O inusitado está previsto na medida em que todos são desafiados a fazer a aposta na potência do coletivo. O resultado é de responsabilidade de quem está ali, vivendo e produzindo essa experiência, sempre singular.

*Relato concedido por meio de entrevista à Capina.

Esse acúmulo é que abriu campo para a nova experimentação que se iniciou na Capina e que originou a metodologia utilizada até hoje. Uma formação mais detida e intensa, propiciada pela imersão e pelo exercício do poder, através da distribuição entre todas e todos os participantes, inclusive educadores da Capina.

Foto: Acervo Capina

Ciro Sanglard,
Conselheiro Fiscal da Capina

A Capina iniciou suas atividades visando dar apoio com assessorias programadas e pontuais associadas à Economia Solidária, principalmente nos setores dos(as) pequenos(as) produtores(as), associações, comunidades e cooperativas. Mais tarde, com o aumento da demanda pelos serviços da Capina, e tendo a Capina iniciado uma redução da Equipe Técnica, passou a promover cursos para formar formadores(as) que passariam a ampliar a assistência técnica nos diversos setores da Economia Solidária.

Com o apoio aos(as) produtores(as) rurais e seu desenvolvimento social, inseridos em grupos, associações ou cooperativas, evidenciou-se um acréscimo na produção dos diversos setores, excedendo às necessidades de subsistência das comunidades, surge então o grande gargalo para os(as) produtores(as) – a comercialização dos excedentes ou mesmo de produções intensivas. Foi aí que Ricardo Bebiano me convidou para participar da Equipe Técnica da Capina, para dar apoios na comercialização dos produtos excedentes. Após longo período de "namoro", em fevereiro de 1995, passei a fazer parte da Equipe Técnica. Confesso que não foi fácil minha adaptação, de gerente comercial da Varig Agro Pecuária S.A., com atuação Macro, passei a atuar em uma escala Micro. Mas foi muito gratificante, foram 16 anos de Capina! Nesse período procurei apoiar a comercialização dos(as) pequenos(as) produtores(as), nas vendas ou administração comercial. Com aqueles(as) que já tinham uma escala de produção maior, procurava ajudar na comercialização dos produtos, orientando-os, por exemplo, sobre a qualidade e a formação de preço. Cheguei, inclusive, a acompanhá-los nas vendas no Rio de Janeiro, em visitas ao Ceasa e a eventuais compradores no Cadeg e no Campo de São Cristóvão.

Além das atividades de venda propriamente, realizávamos oficinas que tratavam de enfoques sobre a venda e administração comercial como: formação do preço de venda, cuidados com o "calote", como oferecer crédito, além de outras especificidades. Esta foi a minha modesta contribuição para o sucesso da Capina.

A importância da Capina é gigante. Na minha vida há um antes e um depois do meu trabalho nessa instituição.

Foto: Criar Brasil

Enoch Leitão,
Equipe Capina

Sou responsável na Capina pelo setor financeiro e estou aqui desde quase a fundação. A importância da Capina é gigante. Na minha vida há um antes e um depois do meu trabalho nessa instituição. Sou formado na área contábil e cresci e aprendi muito nesse trabalho. Aprendi, sobretudo, questões políticas, não de uma política partidária, mas associada a um processo de conscientização. Quando imagino a importância da Capina em minha vida, penso o quanto ela também deve ter sido importante àquelas pessoas, grupos e movimentos que participaram de suas ações.

O trabalho de assessoria da Capina na formação de técnicos é diferencial pela produção de uma nova linguagem, que se pauta por um aprendizado múltiplo e não pela transferência de cima para baixo de conhecimento. Tenho muito orgulho de estar na Capina e fazer parte dessa equipe. Longa vida para a Capina, com muitos e muitos anos! Vale lembrar, claro, estamos em um momento político difícil, mas já passamos por outros e aprendemos a resistir.

Eu não desvinculo a percepção que eu tenho sobre a Capina, sua importância e valores, do meu próprio percurso de formação, de minha inserção profissional. Sou formada em Psicologia, sou professora de Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal Fluminense (UFF), linha de pesquisa Subjetividade, política e exclusão social, com interesse na produção de subjetividades em processos de formação e de gestão no campo da educação e movimentos sociais.

A importância da Capina na contribuição para a pesquisa e a intervenção é indiscutível. Antes de tudo, pela produção, por gerar muito material, que nos permite pensar e refletir sobre nossas práticas e assim construir, conjuntamente com os movimentos sociais, ferramentas de intervenção, formação, acompanhamento e avaliação.

Acredito que outra contribuição importante está no próprio campo temático no qual se inscreve o trabalho da Capina, no qual ela se move: o da sustentabilidade das iniciativas econômicas populares. É todo um esforço de pensar, de fazer pensar e de agir, construindo tecnologia social, viabilizando propostas criadas nos diálogos permanentes com produtores populares e trabalhadores sociais envolvidos em diferentes processos. Eu nunca vi isso em outro lugar do mundo! Eu me lembro bem que fui representar a Capina num Seminário de *Cooperativismo Internacional: Economía Solidária, Autogestión y Cooperativismo*, realizado em Mondragón, em 2008, e o que mais colhi nas falas de diversos palestrantes, foi o relevo ao caráter excepcional e inovador da proposta de trabalho da Capina.

Foi destacado, por exemplo, a produção de ferramentas adequadas aos grupos sociais envolvidos, com uma linguagem acessível, fomentando verdadeiramente uma proposta política de ação social, de encontro entre os conhecimentos populares, gerados nos grupos e nas organizações dos movimentos sociais e os conhecimentos técnicos. É uma observação, uma avaliação preciosa, tanto por retomar o que é tão próprio da proposta pedagógica de Paulo Freire e das práticas de educação popular entre nós, quanto por colocar como questão um desafio tão atual como é o da descolonização do pensamento.

Por isso acredito que o trabalho da Capina é um diferencial na produção de conhecimento, no legado já tão rico que temos de algumas ONGs. A Capina efetivamente pratica a parceria ao trabalhar com o outro.

No meu caso especialmente, que sou uma professora universitária, envolvida na formação de profissionais, a Capina me forneceu um campo de trabalho de pesquisa e de formação para estudantes. Sem palavras para agradecer!

Foto: Acervo pessoal

Kátia Aguiar,
Amiga e colaboradora
da Capina

É todo um esforço de pensar, de fazer pensar e de agir, construindo tecnologia social, viabilizando propostas criadas nos diálogos permanentes com produtores populares e trabalhadores sociais envolvidos em diferentes processos. Eu nunca vi isso em outro lugar do mundo!

Os 30 anos da Capina refletem um acúmulo muito importante. Além da parte técnica desenvolvida junto com os grupos no âmbito da contribuição da sustentabilidade dos empreendimentos, a Capina nos ensinou e nos ensina todo o tempo a relação que as pessoas estabelecem quando trabalham juntas e que o cuidado é imprescindível dentro de uma iniciativa popular ou uma iniciativa coletiva. Foram esses cuidados e aprendizados cotidianos que proporcionaram essa bonita comemoração dos 30 anos, o cuidado com os grupos, o cuidado com a gente, com quem está em volta da gente e com o nosso país, que está precisando tanto nesse momento. Comemorar 30 anos da Capina é reafirmar isso!

Ainda não temos muita clareza de qual será o futuro da Capina, sabemos que enfrentaremos muitas dificuldades, pois o cenário não é o mais favorável. Apesar disso, o aniversário da Capina traz um reforço, pois convidamos pessoas de todo Brasil e elas responderam com prontidão, o que fortalece a institucionalidade e faz com que tenhamos forças e condições de enfrentar o que vier.

A Capina tem esse modo de ser que é muito especial e ele se atualiza em qualquer lugar, independente da instituição que a esteja representando, acho que isso é o mais importante para a gente!

Foto: Criar Brasil

Terezinha Pimenta,
Secretária Executiva
da Capina

Fazer parte dos 30 anos da instituição e compartilhar das histórias dos empreendimentos assessorados é sentir que há resistência e possibilidade de promoção de novos mercados e para além, a promoção da vida das pessoas.

Na Capina sou responsável junto com a Maria Luiza (Malu) pelo processo de formação e de sistematização da experiência com os empreendimentos populares de mulheres da região metropolitana do Rio de Janeiro pertencentes ao campo que a Capina denomina como Economia dos Setores Populares. Essa formação durou dois anos com as trabalhadoras e envolveu nove territórios da região.

Na Capina planejamos, desenvolvemos as ações e avaliamos os processos de forma coletiva durante as reuniões da equipe, embora, não dê para acompanhar todas as ações de perto. Outra frente que a Capina se envolveu e merece destaque em 2018 foi o acompanhamento e articulações com outras instituições e redes para viabilizar o Projeto de Lei nº 2381-A de 2017, que "Dispõe sobre a Política Estadual de Apoio à Agricultura Urbana" e também o Projeto de Lei nº 2746 de 2017, que institui a Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica – PEAPO. A Capina buscou nesses últimos três anos atuar de forma mais próxima e processual nas regiões do estado do Rio de Janeiro a partir de sua especificidade ao que se refere ao campo da viabilidade econômica e da gestão democrática, buscando fortalecer as iniciativas econômicas locais considerando as políticas públicas como uma prioridade.

Fazer parte dos 30 anos da instituição e compartilhar das histórias dos empreendimentos assessorados é sentir que há resistência e possibilidade de promoção de novos mercados e para além, a promoção da vida das pessoas. Os 30 anos da Capina me motivam a pensar que é possível concretizar a sustentabilidade no campo das economias dos setores populares.

Foto: Criar Brasil

Robson Patrocínio,
Equipe Capina

Foto: Acervo Capina

Rosana Lobato,
Equipe Capina

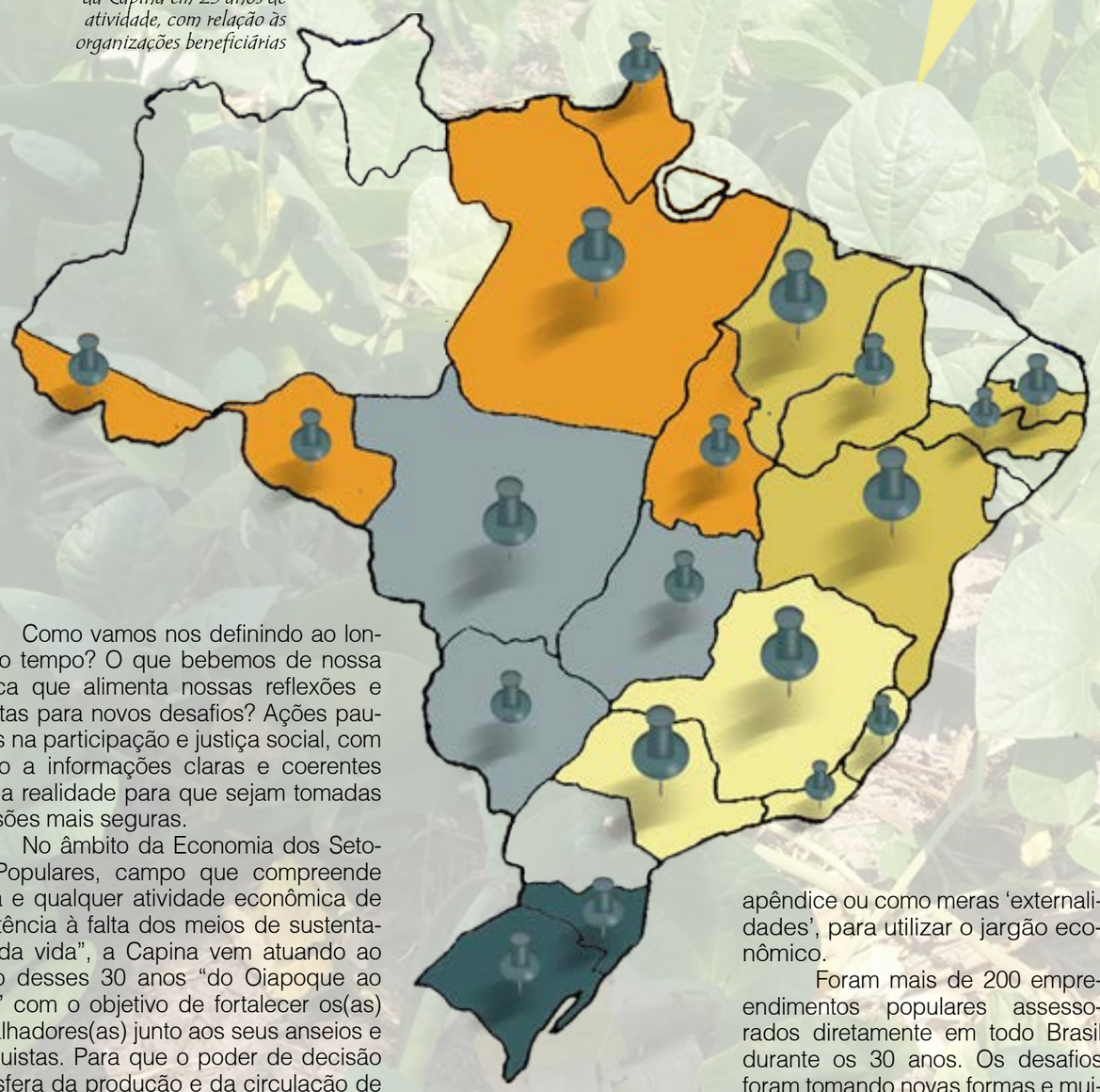
Encontrar a Capina no meu processo de trabalho foi fundamental. O encontro com os mais diversos grupos e diferentes participantes de movimentos e instituições, demonstra a grande diversidade e maneiras próprias de realizar o trabalho. Juntar a teoria e prática abre inúmeras possibilidades. E é isso que faz da Capina um lugar de muitas descobertas. O acúmulo de experiências proporciona a criação de ferramentas que atuam diretamente na vida das pessoas.

Participar da descoberta dos grupos sobre sua viabilidade é uma emoção única. A contribuição no fortalecimento das ações dos grupos transporta os cursos organizados pela Capina em uma verdadeira parceria, que transforma a pesquisa e a busca da sustentabilidade em trabalho real. Participar dos 30 anos é um privilégio e reforça a aposta na resistência e possibilidade de novas maneiras de existir.

Meu muito obrigada a todos e todas!

Experiências e memórias: empreendimentos populares apoiados pela Capina em seus 30 anos

por Ricardo Silveira, Equipe Capina



Mapa territorial de atuação da Capina em 25 anos de atividade, com relação às organizações beneficiárias

Como vamos nos definindo ao longo do tempo? O que bebemos de nossa prática que alimenta nossas reflexões e apostas para novos desafios? Ações pautadas na participação e justiça social, com direito a informações claras e coerentes com a realidade para que sejam tomadas decisões mais seguras.

No âmbito da Economia dos Setores Populares, campo que compreende "toda e qualquer atividade econômica de resistência à falta dos meios de sustentação da vida", a Capina vem atuando ao longo desses 30 anos "do Oiapoque ao Chuí" com o objetivo de fortalecer os(as) trabalhadores(as) junto aos seus anseios e conquistas. Para que o poder de decisão na esfera da produção e da circulação de mercadoria seja exercido de forma integral, holística, que contemple não apenas a cadeia produtiva, mas que englobe também as relações entre os sujeitos, as questões ambientais, políticas e sociais como sendo parte de qualquer processo e não como apêndice ou como meras 'externalidades', para utilizar o jargão econômico.

Foram mais de 200 empreendimentos populares assessorados diretamente em todo Brasil durante os 30 anos. Os desafios foram tomando novas formas e muita coisa mudou. Nem sempre para melhor. O que demorou anos para se construir, em pouco tempo, sob forte influência do nefasto neoliberalismo, se destrói, ou se planeja destruir o mais depressa possível.

Os mais ricos seguem mais ricos e lucrando a cada "crise" do capital. Enquanto os debaixo, ou melhor, os 99% seguem carregando o fardo dos algoritmos frios do capital financeiro.

Para brindar e nos fortalecermos com a compreensão dos efeitos do nosso trabalho e do sentido dessa trajetória é que convidamos empreendimentos parceiros(as) que foram assessorados pela Capina para dar depoimentos. Visto que, nossas memórias são um motor fundamental que alimenta a busca dos nossos sonhos e os nossos sonhos nos fortalecem porque não sonhamos sozinhos. Ao longo dessa caminhada tivemos a oportunidade de conhecer pessoas e grupos muito especiais e através do trabalho nos transformamos. Por isso esse momento de escuta foi fundamental para desvelar nossa própria história, compreender melhor o presente e nos instigar a desafiar e a seguir em frente.

Foram quilômetros e quilômetros percorridos onde encontramos realidades diferentes, mas que se complementam e se mostram em comum no que tange à resistência ativa e na solidariedade do povo brasileiro. 30 anos não são 30 dias, compreendemos que nem todas as vozes populares com quem dialogamos ao longo desses anos poderiam estar presentes nessa data de celebração.

Dentro das nossas possibilidades e das possibilidades das parcerias contamos com a presença de estimadas pessoas que vieram representando as organizações: Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco de Babaçu (MIQCB), Projeto Reca Porto Velho-RO, Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), Cooperativa Central do Cerrado, Rede Carioca de Agricultura Urbana do Rio de Janeiro (Rede CAU), Instituto Kairós, Fase Rio de Janeiro, Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas de Minas Gerais, Fórum de Economia Solidária de Duque de Caxias-RJ, Grupo Delícias da Crisbel de Duque de Caxias-RJ e Associação Toque de Anjos de Porto Alegre-RS.

Por fim, compreendemos também que a memória não é estática, mas se consolida a partir das práticas do presente e como a cultivamos. Por esse motivo consideramos de extrema importância o encontro para celebração dos 30 anos da Capina, realizado dia 06 de novembro de 2018, e apontamos para que outros momentos desse tipo sejam cultivados ao longo dos próximos anos.

Foto: Franci Montales

Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu

Foto: Acervo Capina

Equipe e sócios da Capina na Roda de Conversa, em 2016

No âmbito da Economia dos Setores Populares, campo que compreende "toda e qualquer atividade econômica de resistência à falta dos meios de sustentação da vida", a Capina vem atuando ao longo desses 30 anos "do Oiapoque ao Chuí" com o objetivo de fortalecer os(as) trabalhadores(as) junto aos seus anseios e conquistas.

Foto: Acervo Capina

Caminhão de palmito. Reca, década de 1990

Para mim, enquanto catadora, a Capina fez toda a diferença porque me apontou um mundo do qual eu não sabia que fazia parte. Eu sou de uma Cooperativa de catadores(as) e antes de conhecer a Capina, eu não entendia que era necessário ter um planejamento para realizar as diferentes ações, nós da catação pensávamos apenas em catar. Quando conheci a Capina em 2010 eu entendi a importância de se planejar, de fazer um planejamento estratégico, de fazer um processo coordenado enquanto movimento para ter uma viabilidade econômica. Em 2015 eu tive que reiniciar do zero e aí nasceu a Cooperfenix que existe devido aos ensinamentos que obtive junto à Capina. Se hoje estamos resistindo em Diadema-SP, que foi o primeiro município brasileiro a remunerar catadores(as), mas que hoje já não remunera e nem possui coleta seletiva, isto se deve às formações que tivemos com a Capina. Pessoalmente a Capina transformou a minha vida e de muitos(as) catadores(as) que lá estão.

Maria Mônica da Silva
(Cooperfenix em Diadema-SP e Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR)

Foto: Criar Brasil

Foto: Criar Brasil

Renata Pistelli
(Instituto Kairós em São Paulo-SP)

O Instituto Kairós é uma ONG que trabalha com educação para o consumo responsável, Economia Solidária e Agricultura Familiar. A ONG trata de discussões sobre toda a cadeia, desde a produção, a comercialização e o consumo, tudo isso pensando a relação entre os(as) envolvidos(as) neste processo e a construção de canais alternativos de comercialização e consumo. A sede fica em São Paulo, mas realizamos trabalhos em diversos lugares. Conheço a Capina desde 2008 e acredito que sua atuação é fundamental para o campo social por uma série de motivos. Em primeiro pela consistência do conhecimento que a Capina adquiriu ao longo destes 30 anos e a forma como mobiliza este conhecimento no compartilhar com as organizações e as pessoas que são assessoradas. Falo isso especialmente pelos diferentes processos de formação organizados pela Capina que estive presente, tanto como aluna, quanto como facilitadora. A marca principal da Capina é o cuidado com as pessoas e com as relações. Os grupos e coletivos se sentem parte do fazer da Capina pelo afeto, pela organização pedagógica de qualidade, assim como pela combinação de elementos que são inseparáveis, os técnicos e políticos.

Foto: Acervo CAU

Caquis cultivados pela Rede CAU

Foto: Criar Brasil

Bernadete Montesano e Francisco Caldeira
(Rede Carioca de Agricultura Urbana - Rede CAU do Rio de Janeiro-RJ)

Nós somos um movimento social e nos movimentamos a partir da articulação em rede, o que tem tudo a ver com o jeito de ser da Capina. A minha história pessoal com a Capina começa por meio dos excelentes materiais que essa instituição produziu ao longo destes 30 anos e a gente pôde beber um pouco dessa fonte. Um material muito importante para a Rede CAU foram os planos de negócios, isso interessava muito a gente devido, sobretudo, à comercialização nas feiras. Conhecemos a Capina devido aos movimentos de articulação da agroecologia e nossa parceria se estreitou mais ainda durante os processos de formação da Feira Agroecológica da Freguesia, que faz parte do circuito carioca das feiras orgânicas. A assessora neste trabalho todo foi a Terê. Foi um processo muito lindo, não só de assessoria, mas de irmandade, de fortalecimento, de sustentabilidade para dentro do movimento. Por sermos da agricultura urbana temos muitas dificuldades de acesso a formações e assessorias técnicas, pois não somos grupos sociais das ações de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater). Por essa exclusão o trabalho da Capina foi ainda mais importante e só temos a agradecer e desejar que os 30 anos sejam de muita elaboração, planos e que vários negócios se fortaleçam nesse processo. É uma honra para nós!

Foto: Acervo Capina

Formação com técnicos em 2018

Caroline Rodrigues
(Fase Rio de Janeiro - RJ)

A importância da Capina é imensurável do ponto de vista metodológico de seus cursos, pois ao longo de seus 30 anos essa instituição desenvolveu uma capacidade de escuta, que é muito diferente da universidade ou dos espaços de conhecimento formal. Acredito que isso é fundamental, pois hoje os movimentos sociais enfrentam desafios na formação de educação popular que foi historicamente feita por movimentos e partidos, e a Capina tem feito com maestria este esforço de colocar sujeitos diferentes em diálogo para uma troca de saberes. Todo esforço empenhado demonstra como o conhecimento é um fruto coletivo. O trabalho técnico da Capina ao se atentar em ouvir os movimentos sociais constrói coletivamente estratégias para as lutas e enfrentamentos!

A parceria da Capina com o Fórum de Economia Solidária de Duque de Caxias contou com um momento muito especial quando em 2016 três empreendedoras e uma técnica da Organização Não Governamental Centro de Defesa da Vida (CDVida) participam de formações com a Capina voltada para gestão e fortalecimento de empreendimentos da Baixada Fluminense. A parceria seguiu e em 2018 a Capina trouxe uma proposta para o Fórum para fazermos uma formação sobre pesquisa de mercado, nessa oportunidade 18 empreendedoras de Duque de Caxias participaram e muito conhecimento foi ali partilhado. É com muita alegria que dizemos que as envolvidas nesse processo já estão, inclusive, colocando em prática o que aprenderam. Fazer tudo isso de novo, envolvendo mais empreendedoras seria algo muito bom! Entre os(as) integrantes do Fórum o sentimento é de longa vida de parceria com a Capina. Nós só temos mesmo a agradecer!

Crislândia Morais da Silva
(Fórum de Economia Solidária de Duque de Caxias-RJ)

Nestes dois anos que conheço a Capina muita coisa mudou em minha vida, sobretudo, desde que comecei a colocar tudo na ponta do lápis. Sou artesã e trabalho com venda há muitos anos, mas o que eu aprendi nestes dois anos não tem dinheiro que pague, eu aprendi com mulheres iguais a mim, donas de casas, artesãs, agricultoras. Um dos melhores aprendizados que posso compartilhar aqui é que se eu andar sozinha eu consigo chegar, mas acompanhada de vocês eu consigo chegar muito mais longe e isso fez e faz toda a diferença em minha vida. É isso que a Capina trouxe para mim, por isso sou muito grata. Esses dois anos representam muita alegria para mim, decisões importantes que tive que tomar em minha vida, pude fazer de forma compartilhada com as companheiras que também estão envolvidas com a Capina, foi mesmo uma construção, um processo compartilhado de escuta e de nos sentirmos realmente juntas.
Me faltam até palavras para agradecer a Capina e também a todas as pessoas envolvidas nas formações. Parabéns Capina, vida longa de hoje aos seus 300 anos!

Cristiane Hermes
(Delícias da Crisbel – Empreendimento de Duque de Caxias –RJ)

Foto: Criar Brasil

Foto: Acervo Reca

Cultivo do Projeto Reca de Porto Velho

A Capina auxiliou muito a nossa Cooperativa por meio de cursos e capacitações que pudemos participar. Pessoalmente estive envolvido nesses momentos, sou agricultor, filho de agricultores(as) e não tinha mesmo muita experiência, mas na relação com a Capina aprendi muito. Além das capacitações, a Capina realizou na Cooperativa um trabalho de assessoria, auditoria e conscientização da diretoria do Projeto Reca. Com a Capina os(as) agricultores(as) puderam aprender e acessar novas informações que não estão disponíveis no interior ou na roça. Quando passamos por cursos tão cuidadosos como são os realizados pela Capina, com metodologias de ensino participativo, a consciência da gente melhora muito e aí conseguimos trabalhar melhor na busca do mercado e na administração da Cooperativa.

Hamilton Condack
(Projeto RECA de Porto Velho-RO)

Foto: Franci Monteles

Sabonetes artesanais: produtos confeccionado pelo MIQCB

A Capina fez uma diferença muito grande no nosso movimento, pois embora estejamos ali organizadas, às vezes não sabemos como lidar no que se refere à gestão e a Capina colaborou especialmente para nossa viabilidade econômica. Após os cursos que realizamos com a Capina seguimos revisando o material que foi produzido ao longo do trabalho, para não perdermos o que aprendemos naquele momento.
Houve uma época em que estávamos vendendo abaixo do preço, paramos, voltamos para o que havíamos aprendido e conseguimos reorganizar a gestão do nosso empreendimento, garantindo preço justo, qualidade e visibilidade.
Hoje comercializamos individualmente e por grupos organizados de mulheres e há uma diversidade de produtos, todos derivados do coco babaçu, como o óleo, o sabão, o sabonete, o azeite, o artesanato e o carvão.

Dora Lima
(Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB do Maranhão)

Cybelle Goulart da Rocha
(Associação Toque de Anjos de Porto Alegre - RS)

Foto: Criar Brasil

Sou integrante da Associação Toque de Anjos desde 2004, que trabalha especialmente com artesanatos. Em 2006 nos formalizamos e seguimos na caminhada juntamente com a Economia Solidária. O caminhar nos levou para a Rede de Comércio Justo e Solidário idealizada pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), entidade impecável em sua forma de se relacionar com os grupos, que foi responsável por nos apresentar aos estudos de viabilidade desenvolvidos pela Capina. Na minha vida, esse momento foi um verdadeiro divisor de águas, acendeu uma luz. Esses estudos foram tão importantes que ao final de cada módulo queríamos mais um e mais um e assim acabamos fazendo seis módulos, quando esperávamos ainda por mais, Terezinha, em sua sabedoria, nos emancipou. Até hoje penso que o que mais nos faz falta são aquelas horas mágicas que compartilhávamos com a Terezinha, que de uma forma maravilhosa despertava nossos saberes visando uma estratégia objetiva, sustentável e sensível de gestão de nossos empreendimentos. Foram gratificantes e fantásticos estes momentos, me fortaleceram muito enquanto mulher empreendedora. Os desafios estão aí, mas os cursos de formação possibilitaram mais união entre os(as) envolvidos(as) e saímos assim mais fortalecidos(as). Encontrei pessoas incríveis, assim como seus relatos, ouvir as mulheres da Pavuna, bairro da cidade do Rio de Janeiro, foi transformador e me possibilitou ampliar meus horizontes. Aproveito a oportunidade para agradecer a Terezinha que foi perfeita e adorável e também a todos(as) os(as) envolvidos(as) pela recepção tão calorosa. A minha eterna gratidão também a FLD pelo "presente', que na figura de Angelique abraça com gentileza a Rede de Comércio Justo e Solidário.

Mapa da região com foco nos locais de atuação da Capina. Escala cartográgica meramente ilustrativa.

Foto: Acervo Central do Cerrado

Alguns produtos da Central do Cerrado

Foto: Acervo Central do Cerrado

Assembleia Rede, em 2016

A Capina para gente é uma grande referência não apenas na parte das contas, estudos de viabilidade, planos de negócio, planos de sustentabilidade, mas na reflexão sobre os empreendimentos econômicos e sua gestão, sobre como tomar as decisões. Isso tudo faz com que tenhamos a Capina como uma grande parceira ao longo da nossa trajetória, que tem sido crucial para a formação de nossos quadros e para a sustentabilidade do nosso empreendimento. A parceria com a Capina vai desde complexidades políticas até coisas muito pragmáticas como as nossas planilhas de custos de produção, nossas estratégias de venda e a definição das margens do preço dos produtos que a gente trabalha.

Luis Carrazza
(Cooperativa Central do Cerrado)

Primeiramente gostaria de parabenizar a Capina pelos 30 anos de caminhada e agradecer em nome da Rede de Intercâmbio de Minas por termos feito parte desta história, das formações e processos construídos ao longo dessa trajetória. A parceria da Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas com a Capina é de longa data, várias pessoas que fizeram parte da equipe da Rede e outras que ainda fazem puderam participar dos cursos de formação oferecidos pela Capina e depois aplicar, juntamente com os grupos e empreendimentos que fazem parte da Rede, envolvendo tanto àqueles do Leste de Minas, quanto os da região metropolitana de Belo Horizonte-MG, tudo aquilo que foi aprendido. Eu particularmente estive em duas formações com a Capina, essas participações foram oportunidades de aprofundamento nas temáticas de Economia Solidária, nos estudos sobre viabilidade econômica e nas metodologias para a posterior aplicação com os grupos daquilo que foi aprendido. Essas formações nos fortalecem enquanto técnicas, mas também são importantes para nosso amadurecimento enquanto pessoa, animando-nos para enfrentar as dificuldades com as quais nos deparamos em nosso cotidiano.

Izânia Neves Silva
(Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas de Minas Gerais)

Brasil, chegou a hora de ouvir as vozes populares da economia*

por Maria Luiza Barbosa, Equipe Capina

Foto: Criar Brasil

Representantes dos empreendimentos convidados para a Roda de Conversa

Foto: Criar Brasil

Realização da facilitação gráfica, durante a Roda de Conversa

Em um momento de grandes retrocessos políticos e econômicos, foi um alento a interlocução com essas incitavas e perceber o quão forte são os laços de solidariedade que conseguimos produzir durante a manhã de uma comum terça-feira.

A Roda de Conversa que inaugurou o evento de comemoração dos 30 anos da Capina, muito bem nomeada como "Vozes Populares da Economia", abriu alas para iniciativas econômicas que merecem ser conhecidas, fortalecidas e apoiadas. São ações que efetivamente inspiram por construírem práticas economicamente viáveis e emancipatórias pelo Brasil.

Estamos falando de experiências como a Flaskô em Sumaré, a Quitandoca na capital paulista, o Raízes do Brasil na cidade do Rio de Janeiro, o Grupo Mulheres Filhas da Terra em Pedra Lavrada na Paraíba, o Grupo de Investimento Coletivo (GIC) existente no bairro Pavuna no Rio de Janeiro e em Petrópolis-RJ, e ainda da Cooperativa Eita e da plataforma Diáspora.Black.

* Parafraseando parte do samba enredo de 2019 da Estação Primeira de Mangueira, "Histórias para ninar gente grande", que dizia "Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahis, Marielles, malês".

Integrantes da Equipe Capina, 2019

O mural da Capina é sucesso entre sócios e amigos

Desenvolvimento do grafismo que ilustrou as apresentações

A Roda de Conversa "Vozes populares da Economia" reuniu diversos integrantes de Organizações da Sociedade Civil

Todas essas iniciativas econômicas afirmam para nós como é necessário estarmos atentos(as) e conhecermos práticas de trabalho coletivo que fogem da lógica tradicional empresarial (patrão – empregado). Lógica que invisibiliza outras práticas econômicas e, ainda, seus próprios atores. Como dito por Xico Lara, "cidadão(ã) e trabalhador(a) são termos que dificilmente vemos empregados juntos. Mesmo se, conforme pensamos, sejam faces de uma mesma moeda".

Nesse sentido, a Capina tem trabalhado, não somente apoiando e assessorando empreendimentos e técnicos(as), mas também pelo reconhecimento econômico, social e político da Economia dos Setores Populares, principalmente no estado do Rio de Janeiro. Reconhecer, nestes termos, envolve que os trabalhos das associações e cooperativas populares sejam divulgados, que as pessoas que trabalham nesse campo e por meio dele se sustentam sejam notícia nos meios de comunicação e, sobretudo, é fundamental compreendermos o impacto econômico desses empreendimentos para as economias regionais e em âmbito nacional.

Todas essas informações, que consideramos fundamentais quando tratamos da economia do setor público ou privado e temos certa facilidade de encontrar, são praticamente desconhecidas quando se trata da Economia dos Setores Populares. Isto longe de ser uma 'falha', evidencia uma ação de marginalização constante de empreendimentos coletivos e das organizações que apóiam e investem nessa economia. Dialogar e dar espaço de fala a associações/cooperativas populares significa uma ação de contraposição, de subversão das relações de poder presentes na narrativa dominante da economia. Isso se deve ao fato de estarmos falando de e com empreendimentos que são construídos, majoritariamente, por mulheres, negros(as), localizados em periferias, com difícil acesso a financiamentos públicos/privados e pessoas com baixa escolaridade.

Dessa forma, a "Roda de Conversa Vozes Populares da Economia" foi um espaço muito especial durante o evento de comemoração dos 30 anos da Capina. Possibilitando a promoção de iniciativas econômicas coletivas, o encontro de pessoas e ideias e, sobretudo, sensibilizando para importância de apostarmos nessa Economia que acolhe uma diversidade de segmentos, que atua no rural e no urbano e que pulsa no ritmo da diversidade dos "brasis".

Em um momento de grandes retrocessos políticos e econômicos, foi um alento a interlocução com essas incitavas e perceber o quão forte são os laços de solidariedade que conseguimos produzir durante a manhã de uma comum terça-feira.

A seguir é possível conhecermos um pouquinho de cada um dos sete empreendimentos que participaram dessa conversa, sua atuação, organização e expectativas enquanto Economia dos Setores Populares. Não somente por meio dos relatos escritos, mas pela imagem da facilitação gráfica realizada por Bianca Santana e Josimara Theodoro, que acompanharam a Roda de Conversa e de forma muito sagaz conseguiram representar os relatos visualmente.

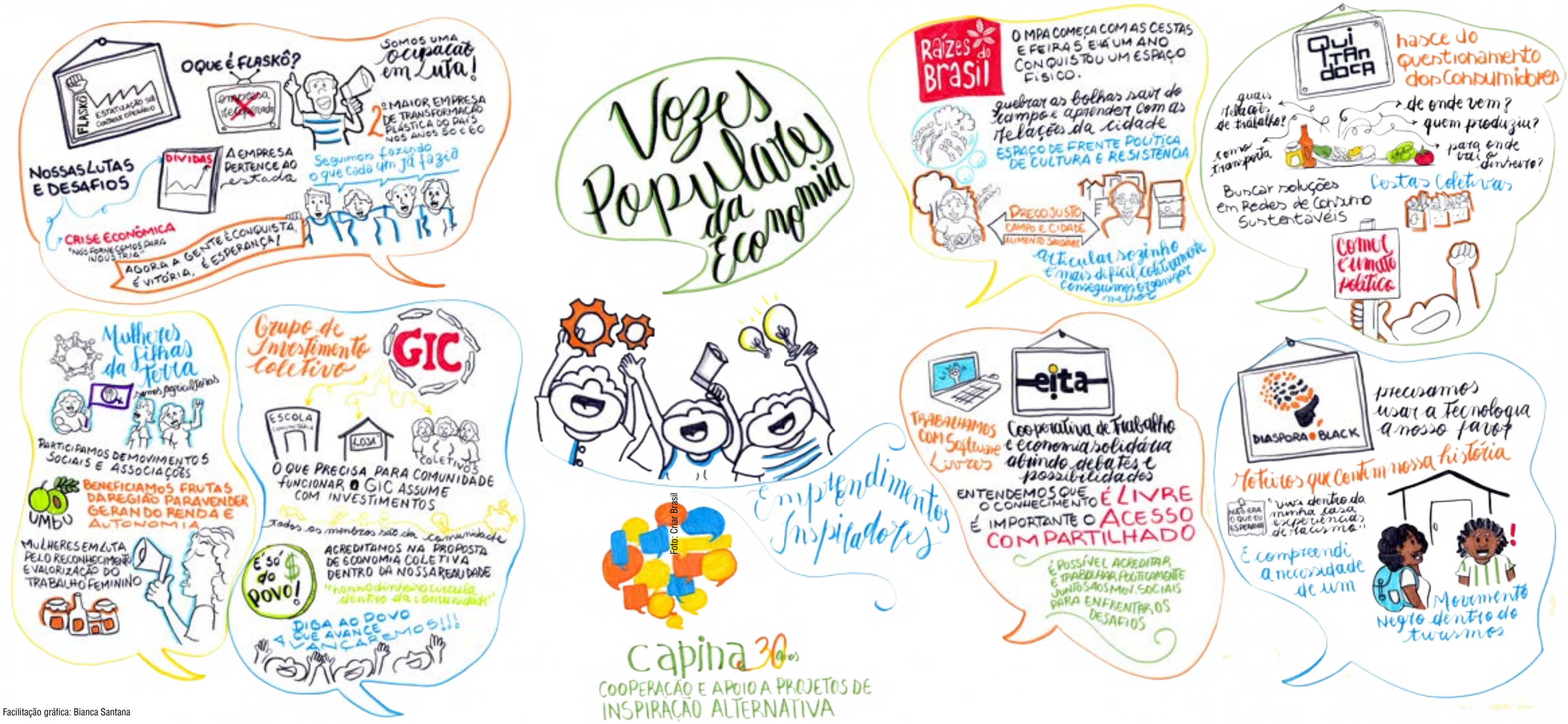


Foto: Criar Brasil

Facilitação gráfica: Bianca Santana

Flaskô, em Sumaré (SP)

por Pedro Santinho

A Flaskô é uma fábrica ocupada há 15 anos, a ocupação aconteceu em uma conjuntura de alto desemprego e pelas esperanças anunciadas pelo governo Lula. Dentre as antigas donas da fábrica, que possui cerca de 100 mil metros quadrados, está a empresa Tigre. Em 2005 a vila operária também foi ocupada, ação que contou com aproximadamente 600 famílias. Durante a década de noventa a fábrica chegou a empregar 600 trabalhadores(as), nos momentos que se seguiram, porém, houve cortes crescentes nos empregos. Muitos dos sindicatos não são a favor deste tipo de ocupação, preferem mobilizar recursos jurídicos, abrindo processos para que os danos aos(as) trabalhadores(as) sejam reparados por meio de indenizações. A ocupação da Flaskô, todavia, visa criar um espaço de liberdade operária e restabelecer por meio de processos de autogestão o funcionamento da fábrica.

A gestão é feita por meio de comissões de operários, que têm jornadas de seis horas (uma das conquistas da Flaskô!), nas quais os(as) trabalhadores(as) responsáveis por setores diferentes gerenciam todo o processo de produção como o estoque, o funcionamento das máquinas, a realização de pedidos e o envio para os clientes. O principal produto da Flaskô são tambores de plástico. Dentre os desafios estão a criminalização jurídica que segue tentando transferir a dívida patronal aos(as) trabalhadores(as) e os econômicos de participar de um mercado, especialmente o industrial, que é tão concentrado, no qual, por exemplo, o aumento dos preços da matéria-prima afeta diretamente não só as atividades de produção, mas a vida dos(as) trabalhadores(as). Apesar dos desafios, a Flaskô segue na luta e unindo operários(as) livres. Quer conhecer melhor a Flaskô? Acesse flasko.blogspot.com.

Foto: Criar Brasil

Foto: Acervo Flaskô

Foto: Acervo Flaskô

Raízes do Brasil no Rio de Janeiro (RJ)

por Camila Franceschi

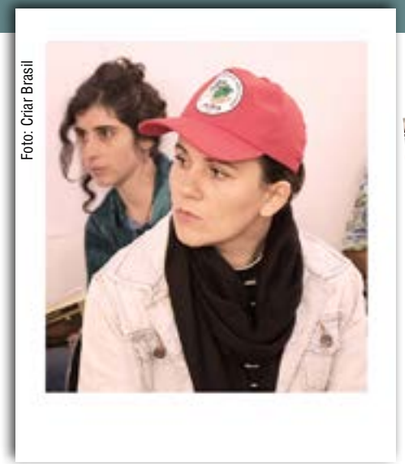


Foto: Criar Brasil

Foto: Raízes do Brasil

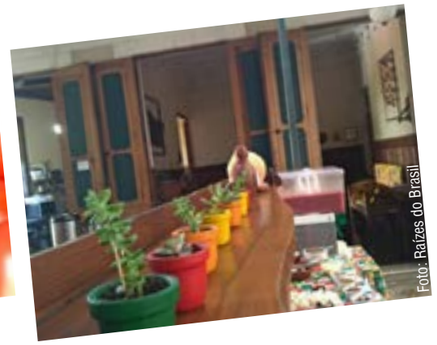


Foto: Raízes do Brasil

O Raízes do Brasil se encaminha para o segundo ano e tudo começou com a vontade de conectar alimentação saudável, venda direta ao(a) consumidor(a) e preço justo. A gestão e a organização são feitas pelo Movimento dos Pequenos Agricultores, o MPA. Algumas das atividades desenvolvidas são as feiras, entregas e as cestas camponesas. Ainda, conjuntamente com comida saudável, o Raízes trabalha com hospedaria e serve um café da manhã cheio de iguarias. Para quem não está hospedado(a), aos sábados e domingos é possível desfrutar do café da manhã e almoço que fica aberto a todo público a um preço acessível.

Comida de qualidade não é apenas sinônimo de saúde no Raízes do Brasil, é um ato político! Está aí um dos grandes motivos de comemoração desses quase dois anos de funcionamento; o Raízes é um ponto de apoio e de alegria ao adensar a capilaridade do MPA no meio urbano carioca. A venda direta, prática que acontece dentro do Raízes, fortalece a relação campo e cidade, à medida que os(as) consumidores(as) podem acessar uma diversidade de produtos por preços justos, sabendo que são alimentos agroecológicos e direto da roça estabelecendo uma relação de transparência entre os(as) camponeses(as) e o espaço de comercialização.

O desafio do Raízes é seguir melhorando sua gestão, pois, embora o MPA já possua experiência com cooperativas e associações, o funcionamento deste tipo de empreendimento é diferente e abre dificuldades específicas no que se refere à gestão e à organização coletiva. A maior empreitada para o momento é que o empreendimento se mantenha e resista, por isso parcerias são tão importantes. O Raízes do Brasil e o MPA seguem na luta por comida de verdade e de qualidade e pelo fortalecimento da agricultura camponesa. Mais informações sobre o Raízes do Brasil? Acesse Facebook: Raízes do Brasil RJ e Instagram: @raizesdobrasiloficial

Diáspora.Black

por Carlos Humberto

A Diáspora.Black – Viagem sem preconceitos é a proposta do maior portal de turismo consciente. Porém, não é um turismo qualquer, envolve especialmente a valorização da população negra, um turismo sem racismo. A plataforma, disponível em diaspora.black, é composta por anúncios nos quais as pessoas podem ofertar suas casas e outros tipos de acomodações como pousadas e hotéis para viajantes, seja a passeio, a trabalho ou estudo. Para participar da plataforma os(as) interessados(as) devem criar um perfil de usuário(a). A partir disso é possível tanto cadastrar sua casa ou acomodação, quanto buscar por um destino.

Uma das principais preocupações deste empreendimento é a segurança da população negra, por isso uma das estratégias envolve oferecer um treinamento sobre os preceitos que envolvem o turismo responsivo e sem preconceito do Diáspora.Black. Além de lugares para se acomodar, a plataforma conta com um guia de roteiros turísticos, que abarca experiências, histórias e memórias da população e cultura negra, como, por exemplo, visita a comunidades quilombolas, ribeirinhas e outros passeios guiados. Conhecer essas localidades e seus(as) residentes é uma proposta de vivenciar histórias locais de resistência da população negra que tanto tem a ensinar.

O Diáspora.Black comemorou um ano e, embora muitos desafios estejam por vir, há muito o que se comemorar neste aniversário. Já estão disponíveis na plataforma acomodações seguras em todas as capitais brasileiras, em 19 países e em 70 cidades do mundo. A partir da parceria com algumas redes de mulheres como a Bitonga Travel, a Diáspora.Black conta hoje com 900 mil usuários(as), dentre os perfis participantes 68% são mulheres e 76% mulheres negras, pilar feminino que faz a plataforma crescer a cada dia. Acesse a plataforma: diaspora.black.

Foto: Criar Brasil

Foto:Acervo Diáspora.Black

Foto:Acervo Diáspora.Black

GIC da Pavuna – Rio de Janeiro (RJ)

Jandui Barbosa e Inessa Lopes

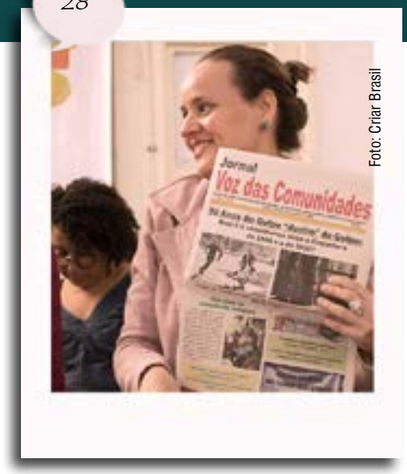


Foto: Criar Brasil

Foto:Acervo GIC da Pavuna

Foto:Acervo GIC da Pavuna

Na história do Grupo de Investimento Coletivo (GIC) da Pavuna, Complexo do Chapadão, tudo começa pela necessidade de ajudar uma moradora local que havia perdido um irmão em Maceió-AL. Jandui, uma das fundadoras, rememora que ela veio pedir-lhe 200 reais emprestados para ajudar no enterro. Jandui não pôde ajudá-la, porém, como já sabia sobre o GIC de Feira de Santana-BA, onde nasceu essa experiência, entendeu que era o momento oportuno para a criação de um GIC na comunidade. A partir disso, iniciou-se um pequeno movimento entre os(as) interessados(as) que se reuniram no dia 10 de Maio de 2003 com suas economias, tão mesmo moedas em cofrinhos, abriram uma conta coletiva e iniciaram com 14 fundadores(as), a maioria mulheres, o GIC Pavuna, Complexo do Chapadão. Há hoje no GIC cerca de 450 investidores(as).

A circulação de capital ocorre através de empréstimos, os quais os(as) credores(as) pagam com juros amortizados, ou seja, os juros cobrados referem-se apenas ao dinheiro que a pessoa ainda deve. Os objetivos do Grupo vão muito além de empréstimos, envolvem discussões sobre consumismo, poupança e trabalho coletivo na comunidade. Sobre este último ponto, uma das importantes empreitadas do GIC foi o enfrentamento ao problema de moradia. Por meio de empréstimos rotativos, os(as) moradores(as) conseguiram comprar suas casas.

A sustentabilidade do GIC deve-se aos empréstimos e pagamentos e também aos próprios investimentos locais financiados como padarias, mercadinhos e pequenas lojas. Tudo funciona assim: o GIC empresta o dinheiro para alguém construir, por exemplo, um banheiro, a pessoa compra os materiais dentro da própria comunidade em estabelecimentos que também foram financiados pelo GIC, novos empréstimos são feitos e o capital segue girando dentro do Complexo do Chapadão! Vale lembrar que, anualmente, são tomados cerca de 300 empréstimos, isso quer dizer que, em 15 anos, muita gente já se beneficiou. Embora o cenário seja de desafios ainda maiores, resistência é o que o GIC será. Por isso, o grito no Complexo do Chapadão não deixa de ecoar: "Diga ao povo que avance! Avançaremos! Até a vitória sempre!

GIC e Escola Municipal Leonardo Boff – Petrópolis (RJ)

por Angélica D. Pacheco da Silva de Proença

A Escola Municipal Centro Comunitário do Contorno localiza-se na Comunidade do Contorno no município de Petrópolis. A gênese desta escola associa-se aos trabalhos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) ainda nos anos 1980, é, todavia, em 1986 que ela se formaliza. Em 2002 o nome é modificado para Escola Municipal Leonardo Boff. A Escola possui princípios comunitários e atua como uma verdadeira articuladora social da região, por isso faz parte de sua trajetória constituir parcerias para fortalecer as lutas sociais, sobretudo, àquelas travadas pela Comunidade do Contorno.

A Escola integra o Movimento das Comunidades Populares conectada ainda à experiência do Grupo de Investimento Coletivo (GIC), prática movimentada de forma ativa pelos residentes da Comunidade. Enquanto ações coletivas, alguns militantes do Contorno participam também do Jornal Voz das Comunidades (JVC). Hoje os desafios por garantias de direito e moradia seguem imensos, uma vez que a Escola e 55 famílias foram expulsas da Comunidade do Contorno.

Tudo isso deve-se a uma obra da Concessionária Concer para a construção na rodovia de um túnel nas proximidades da Comunidade, colocando em perigo a rodovia, as pessoas, suas casas, a Escola e a história de vida de tantos que ali estão. Apesar das dificuldades, o trabalho comunitário continua para manter a chama de esperança, reconquistar o território e garantir vida plena à Comunidade.

Foto: Criar Brasil

Acervo EM Leonardo Boff

Foto:Acervo EM Leonardo Boff

Mulheres Filhas da Terra – Pedra Lavrada (PB)

por Rosimere Oliveira

Foto: Criar Brasil

Foto:Acervo Mulheres da Terra

Foto:Acervo Mulheres da Terra

O Grupo Mulheres Filhas da Terra envolve agricultoras paraibanas que trabalham com beneficiamento de frutas nativas como o caju, o maracujá, a manga, a acerola e o umbu. São agricultoras e coletoras que se juntaram há aproximadamente onze anos com a proposta de valorização da agricultura camponesa agroecológica e do trabalho das mulheres.

O trabalho é feito de forma compartilhada, toda produção e coleta é destinada à Casa de Beneficiamento das Mulheres Filhas da Terra, e é nesse local que as frutas são transformadas em diversas guloseimas como polpas, geleias, compotas e doces. Após o beneficiamento vem a comercialização, que acontece especialmente através de políticas públicas que destinam alimentos às escolas públicas locais. Um desafio enfrentado, agora, superado, foi a aceitação dos alimentos pelos(as) estudantes, já que havia um hábito compartilhado por comidas industrializadas. Todavia, os desafios enfrentados na adequação à legislação sanitária permanecem e devido à rigidez essa acaba mesmo inviabilizando determinadas produções.

Seguindo na luta, muito há para se comemorar, especialmente, o que para o Grupo Filhas da Terra é a maior conquista - o reconhecimento e o auto-reconhecimento da importância do trabalho feminino, camponês e agroecológico para um Brasil melhor.

Cooperativa Eita - Caldas (MG)

por Rosana Kirsch

O trabalho da Cooperativa de Trabalho, Educação, Informação e Tecnologia para Autogestão (Eita) inicia-se em 2011 com o propósito de desenvolver tecnologias para apoiar os movimentos sociais e empreendimentos da economia solidária. Embora a Sede da Cooperativa esteja localiza em Caldas-MG, há associados(as) espalhados(as) por vários cantos do Brasil.

A Cooperativa, a partir da demanda dos movimentos sociais e de metodologias participativas, desenvolve ferramentas tecnológicas que vão contribuir, por exemplo, com softwares especialmente elaborados para apoiar a pedagogia da alternância. Outra atividade desenvolvida pela Eita é no campo da informação. Esse trabalho envolve compreender tanto quais são os dados que os movimentos sociais têm produzido e como apresentá-los à sociedade, quanto quais são os dados importantes a serem produzidos que contribuam na organização dos próprios movimentos e no avanço dos direitos sociais, econômicos e políticos.

A Eita desenvolve softwares livres, pois acredita e defende que o conhecimento é livre, que todas as pessoas devem ter acesso ao que é produzido e que se pode ainda copiar, compartilhar, modificar este código a partir de novas ideias que vão surgindo. A tecnologia de informação e o conhecimento dos movimentos sociais são o sentido para as ações da Eita no intuito de colaborar na promoção de conhecimentos partilhados, na organização social e na manutenção e conquista de direitos. Quer conhecer melhor a Eita? Acesse: eita.coop.br/

Foto: Criar Brasil

Quitandoca - São Paulo (SP)

por Thais Mascarenhas

Foto: Criar Brasil

Foto: Acervo Quitandoca

Foto: Acervo Quitandoca

A Quitandoca é uma iniciativa de comércio justo e solidário que comercializa produtos da Agricultura Familiar e agroecológica. O empreendimento organiza feiras semanais e entregas a domicílio e para restaurantes. A Quitandoca, seguindo os princípios do comércio justo e solidário, opera proporcionando informação ao consumidor e transparência de preço. Funciona assim: os produtos da Agricultura Familiar que chegam na Quitandoca são acrescidos de uma taxa de 40%, que cobre todas as operações, e o mais importante é que tanto consumidores(as), quanto agricultores(as) estão cientes dessa taxa. O consumidor(a), ao comprar na Quitandoca, sabe de onde veio aquele produto e quanto do preço que pagou foi para o produtor(a). A proposta maior da Quitandoca é aproximar consumidores(as) dos produtores(as) de alimentos e esse esforço vai além da comercialização, envolve apresentar os problemas que acontecem na produção, a sazonalidade das frutas, legumes e verduras, e características específicas da produção agroecológica.

A articulação entre preço justo e o trabalho de educação com os consumidores(as) sobre a produção é um diferencial na Quitandoca, pois gera mudanças nos hábitos alimentares, como a inclusão de outras variedades alimentares a partir da compreensão sazonal da produção. O mesmo tem acontecido com os restaurantes que adquirem produtos da Quitandoca, que têm reorganizado seu cardápio e funcionamento da cozinha de acordo com a disponibilidade de produtos. Essas adaptações possibilitam o fortalecimento de laços entre a Agricultura Familiar agroecológica e os consumidores(as) proporcionando alimentação saudável e preço justo. Para saber mais sobre a Quitandoca, acesse: Instagram: @quitandocaa / Email: quitandocaa@gmail.com

Concepção Editorial
Maria Luiza Barbosa

Sistematização dos textos e Copidesque
Helena Rodrigues Lopes

Projeto Gráfico e Diagramação
Natalia Kleinsorgen
natkbb@gmail.com

Tiragem
500 exemplares

Impressão
Gráfica Formato
graficaformato.com.br

Ficha técnica

REVISTA VOZES POPULARES DA ECONOMIA: DIALOGANDO SOBRE AÇÕES DE INSPIRAÇÃO ALTERNATIVA

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 30 ANOS DA CAPINA

Publicação abril de 2019
A revista "Vozes Populares da Economia: dialogando sobre ações de inspiração alternativa" é uma publicação da Capina – Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa, elaborada com o apoio de Pão para o Mundo - Brot für die Welt.

Foto de capa: Criar Brasil/
Foto de contracapa: Acervo Capina

Realização
CAPINA –Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa
Rua Alcindo Guanabara, 17/21
Sala 1211 a 1213. CEP: 20.031-130.
Centro I Rio de Janeiro I RJ
E-mail: secretaria@capina.org.br
Site: www.capina.org.br
Telefone:+55 21 2220-4580

Secretária Executiva da Capina
Terezinha de Jesus Pimenta

Equipe Capina
Enoch Leitão; Maria Luiza Barbosa; Ricardo Silveira; Robson Patrocínio; Rosana Lobato

Apoios
PPM - Pão para o Mundo - Brot für die Wel
FLD - Fundação Luterana de Diaconia
CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço